

Com a África aos pés

Expedição coordenada pelo experiente guia **Manoel Morgado** ao cume do continente africano transforma a caminhada aos **5.895 metros do Kilimanjaro** em uma experiência de vida

// Por Caio Vilela texto e fotos

Os últimos passos são dados com a lentidão de um astronauta. Uma luz dourada banha as imponentes geleiras, que mais pareciam tapetinhos de neve fofa quando avistadas da base da montanha. As sobranceiras cansadas marcam os semblantes de um grupo feliz e realizado. Após quatro dias de mau tempo, estamos testemunhando o nascer do sol a partir do topo do Kilimanjaro, a montanha mais alta da África. Sob a guarda de um dos melhores guias brasileiros de montanha, a comemoração é tranquila. A 5.895 metros de altitude, fotos e abraços debaixo da surrada placa de madeira à beira da cratera lá no alto eternizam o objetivo conquistado.

Como em dez anos talvez não existam mais, as neves do Kilimanjaro têm levado milhares de aventureiros a encarar a odisséia a pé até seu topo. Como o grupo de 12 pessoas liderado por Manoel Morgado, todos querem ver de perto os glaciares em extinção. Ainda que desfigurado pelo aquecimento global, tamanho ícone africano, reverenciado pelos exploradores de hoje e de antigamente, desponta entre os destinos do turismo de aventura com um apelo sem igual. Ao contrário do que muitos possam imaginar, não é preciso ser um sherpa experimentado para encarar o desafio: graças à facilidade técnica da trilha, o topo do continente africano é alcançado todos os anos por aproximadamente 10 mil pessoas.

A viagem começa em Moshi, cidade cercada de savana no norte da Tanzânia. Depois de uma necessária noite bem-dormida após a maratona de voos SP-Johanesburgo-Nairobi-Kilimanjaro, >>



Trekkers dão os passos finais poucos minutos antes de chegar ao topo

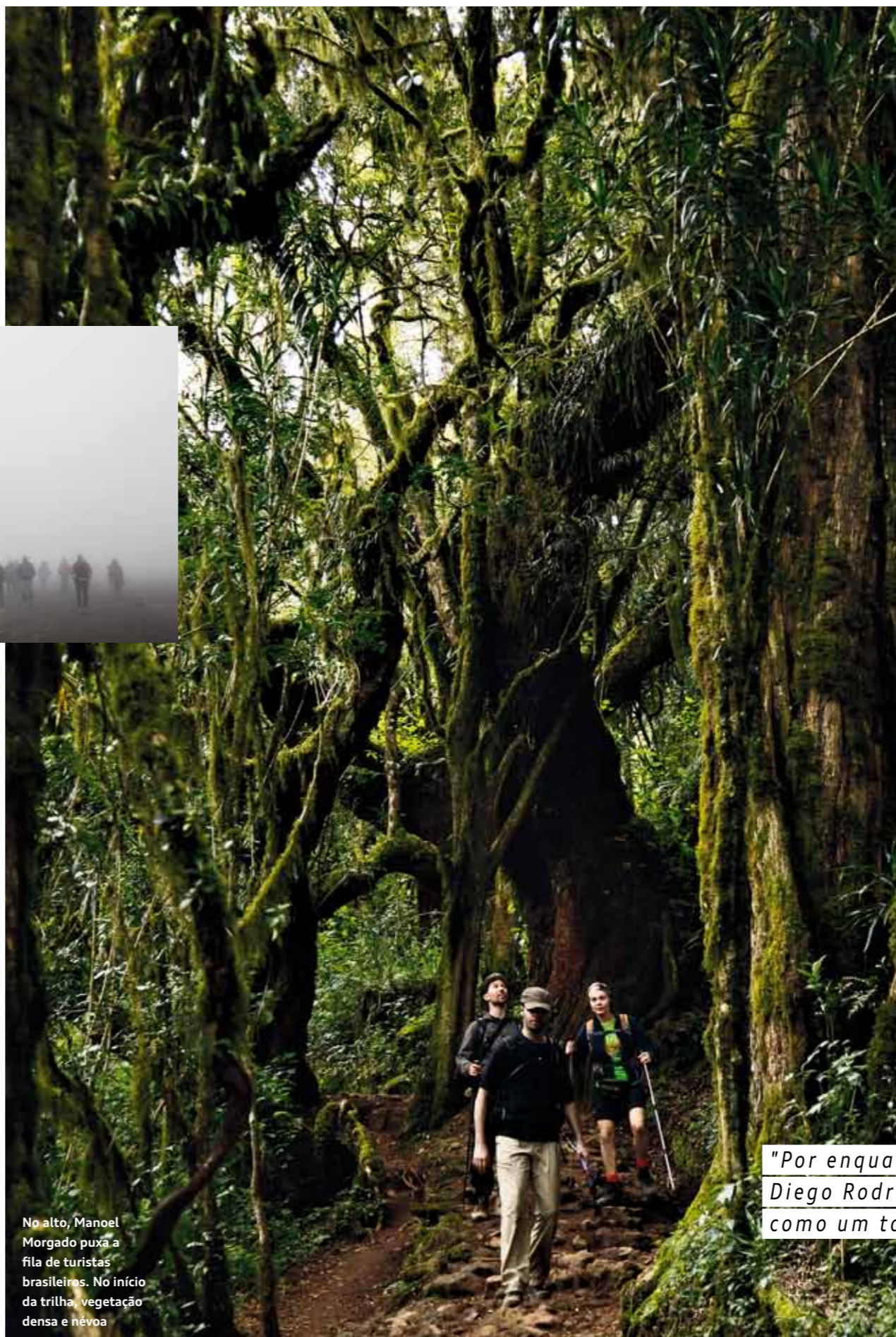


duas horas na estrada levam até uma pousada no sopé da montanha – um abrigo simples, só para o pernoite. A conversa varia de confabulações sobre as expectativas de cada um a apresentação dos guias locais e muitas perguntas para nosso líder. Médico gaúcho, Morgado é reconhecido como um dos melhores guias do Brasil. Aos 54 anos de idade, lidera grupos em distintas rotas de trekking na Ásia, na África e nos Andes já há três décadas. Escalou o Everest no ano passado, esteve no topo do Kili em cinco ocasiões e se orgulha da marca de 100% de clientes no cume desde que começou a operar esse roteiro em 2007. Morgado vive com o pé na estrada: não tem residência fixa e há mais de 20 anos caminha, pedala, escala e rema pelos locais mais remotos. Ninguém está em uma expedição sua por acaso. Seus programas figuram entre os mais exclusivos e bem montados do mercado, mas sua experiência possibilita que meros mortais, como eu e uma senhora de 57 anos, integrem as expedições. “O grau de complicação na montanha é menor e as chances de alcançar o topo são maiores quando há um bom guia por perto”, pondera Diego Rodrigues, um dos clientes, lembrando de situações vividas em viagens passadas.

Apesar de heterogêneo em suas origens e profissões, o perfil dos brasileiros de nossa expedição bate com o do público usual dos grupos de Morgado: pessoas entre 27 e 57 anos, sempre em busca de novos desafios. Um casal de funcionários públicos catarinense, uma médica gaúcha, um economista argentino, uma quiropraxista guianesa, quatro executivos paulistanos e brasilienses. Gente que já fez (e curtiu) longas caminhadas na chapada Diamantina, na Patagônia, nos Andes e no Nepal. Os quase 6 mil metros do Kili significariam um recorde de altitude no currículo de todos, mas mais da metade já havia feito o trekking de duas semanas até o campo-base do Everest, a 5.450

metros. Quase todos com suas botas amaciadas, com exceção da jovem Graziela Silveira, 32, dona de academia, ex-escoteira, que viaja bem assessorada pelo marido, Pedro, biólogo e atleta de corridas de aventura, e Marcos Silvestre, delegado goiano que nunca havia feito nada do tipo. Alojados em chalés a 2 mil metros de altitude, Morgado conduz um briefing sobre os dias que se seguirão. A rota escolhida é a Rongai, via menos utilizada, mas não a mais difícil, entre as cinco que riscam os flancos do cone vulcânico.

O primeiro dia de caminhada atravessa uma floresta úmida, a primeira das quatro zonas climáticas que seriam cruzadas no trajeto. “Nós gostamos de caminhar juntos. Um dá força para o outro na subida”, conta a catarinense Alessandra Cunha. “A união nos fortalece para o trekking ao mesmo tempo que o trekking fortalece nossa união”, completa o marido, Sandro Beltrame. A vegetação densa envolta em névoa esconde o que vem pela frente. Três dias se seguiriam em um ritmo moderado e prazeroso. Na mochila, apenas câmera, capa de chuva, protetor solar, água e chocolates. O resto da bagagem segue com carregadores, que ultrapassam o grupo cumprimentando com um sonoro “Jambo!”, tradicional saudação em swahili, idioma nativo da Tanzânia.



No alto, Manoel Morgado puxa a fila de turistas brasileiros. No início da trilha, vegetação densa e névoa

"Por enquanto, estou achando fácil", diz Diego Rodriguez no início. "Estamos fortes como um todo", completa Manoel Morgado

Ao fim do terceiro dia o acampamento é montado aos pés do sombrio pico Mawenzi, um maciço rochoso não escalável devido ao estado deteriorado da rocha vulcânica. Quando chegamos já está tudo de pé e podemos sentir o cheiro da comida, que, no caso de nossa expedição, é saborosa, feita com ingredientes frescos. É para conforto como esse que temos uma média de quatro carregadores por pessoa. Ao lado de nossas barracas, um acampamento enorme abriga 200 funcionários de um mesmo hospital de Edmonton, no Canadá. Médicos confraternizam com patronos em um papo animado, enquanto um dos quatro portadores de próteses nas pernas nos detalha o projeto para arrecadar com a escalada, doações para pesquisas com a escalada.

O jantar sai no horário prometido graças ao chefe Jimmy, quem mais trabalha entre os tanzanianos que nos acompanham. A comida varia entre pastas, sopas, arroz, frango e legumes cozidos com muito coentro e pimentão, ingredientes tradicionais na cozinha do leste africano. Morgado coordena um staff de 40 carregadores, três guias locais e dois cozinheiros. O guia local Innocence é seu braço direito. Tomando um chazinho de cócoras sobre uma pedra, eles planejam juntos a estratégia para o dia seguinte, dedicado ao cume – naquele ponto da jornada, já mapearam o grupo, quem anda mais rápido, quem precisa de assistência, passo fundamental para a organização da reta final. Conforme escurece, o céu sobre as barracas eleva nossa acomodação improvisada à categoria não de cinco, mas de milhões de estrelas.

Acima dos 3 mil metros o panorama muda de figura. O imponente cone do vulcão se faz evidente no horizonte e marca visualmente o objetivo traçado. Apesar da inclinada subida e do frio apertando a cada passo, o trekking segue ainda tranquilo para todos. Às 14 horas do quarto dia, todos chegam sem dificuldades a 4.750 metros em meio a uma nevasca com vento forte. “Por enquanto estou achando >>



fácil”, confessa o economista Diego Rodriguez, ao completar a subida. “Estamos inteiros e fortes como um todo”, observa Morgado, o que reforça a fé e a autoconfiança de cada um. Ele é bom nisso, dá dicas essenciais para otimizar a caminhada, como goles frequentes de água para evitar a forte dor de cabeça provocada pela altitude. Uma calórica macarronada é servida no abrigo de madeira conhecido como School Hut, e a siesta se estende tarde adentro. Por volta das 11 da noite uma sopa reforçada chega à mesa. Morgado aproveita o momento para dar sua orientação e seu estímulo final antes do ataque ao cume. “Mesmo que você esteja exausto, tente medir com honestidade suas forças na aproximação final da cratera”, diz. “Nesse momento vale juntar as últimas reservas de energia para alcançar o topo. Lembre-se que a maioria de nós não irá voltar aqui tão cedo!”

Exatamente à meia-noite, o guia Issa começa a puxar a fila de lanternas de cabeça morro acima. A lua cheia acalma o vento e distribui um generoso clarão prateado. Passos curtos e constantes fazem desnecessárias as paradas para descanso. A temperatura na madrugada se revela bem mais agradável que o esperado. Após seis horas praticamente ininterruptas, a turma chega ao topo. Marcando o fim da

última puxada, Gilman’s Point está tecnicamente no cume, mas 200 metros abaixo do ponto mais alto da cratera Uhuru Peak. O grupo completo chega ao Stella Point, o mais privilegiado dos mirantes do caminho, com vista para vários glaciares. Graziela, Cristina e Diego resolvem não continuar até o cume. “Estou no limite das minhas forças. Este lugar é lindo, mas não aguento subir mais”, diz Diego, com um sorriso cansado. “Já está de bom tamanho para mim. Estou muito cansada e não faço questão de uma foto no ponto mais alto”, diz Cristina. Ali, o trio esperaria a turma para começar a descer.

Para os que seguem, os aparentes tapetes de neve sobre a cratera – quando avistados a distância – são na verdade paredões gigantes de gelo com mais de 30 metros de altura. A luz do sol nascente banha as geleiras com variada gama de cores quentes enquanto o grupo encara a subida final. Mais uma hora em ritmo lento e a comemoração explode em abraços e fotos sob a placa fincada no pico Liberdade (Uhuru, em swahili). Marcos, Pedro, Edimar e o resto dos companheiros estão no limite de sua energia, eufóricos com a sensação de realização. “Foi duro, mas menos difícil do que eu esperava”, sintetiza Pedro, em um sentimento compartilhado

Excentricidades na trilha

Até fantasiado de rinoceronte sobe a montanha

Graças à simplicidade da trilha e à infraestrutura obrigatória de guias e carregadores, toda sorte de excentricidades acontece anualmente na montanha. A mais institucionalizada é a Maratona Kilimanjaro, cujo recorde pertence a um francês famoso na Tanzânia: Gerárd Bravato alcançou o topo em cinco horas e meia em 2007. O primeiro esquiador se arriscou montanha abaixo em 1912, enquanto o pioneiro em snowboard apareceu em 1997. Mountain bikes e parapentes são vistos quase todo ano na montanha, mas já apareceu um maluco espanhol de motocross e outro que subiu até o topo andando de costas com a intenção de entrar para o Guinness. Sem contar Douglas Adams, autor do *Guia mochileiro das galáxias*, que fez a trilha usando uma fantasia de rinoceronte em uma ação de caridade. Cena comum por aqui. Não um maluco vestido de rinoceronte, mas escaladas organizadas por grupos humanitários.



No alto, acampamento do terceiro dia aos pés do pico Mawenzi. Acima, após algumas desistências entre os brasileiros, maioria alcança o Uhuru, pico a 5.895 metros

"Foi muito mais duro que imaginamos! Estamos felizes, mas preocupados se teremos energia para a descida"

por boa parte da turma. Edimar e Marcos afirmam o contrário: “Foi muito mais duro que imaginamos! Estamos felizes, mas preocupados se teremos energias para a descida”, conta o primeiro em nome da dupla.

O maior dos sorrisos se vê estampado no rosto de nosso guia, que registra ali mais um cume alcançado com sucesso e segurança. Após uma hora no topo do continente africano, Morgado discretamente avalia o semblante de cada um e encarrega Issa de puxar a descida. A volta é feita pela rota mais batida, mas definitivamente não a mais curta: descemos quatro horas até o abrigo Kibo, onde um breve descanso e refeição preparam para mais quatro horas até o acampamento Horombo, a 3.700 metros. Exausto, o grupo chega ao local de pernoite com as pernas marchando em piloto automático após 16 horas de caminhada. O jantar é servido cedo e o sono imediato leva a sonhos vívidos, como é comum em pernoites acima dos 3 mil metros.

No dia seguinte a cratera do Kili amanhece nítida a distância. Com clientes felizes e gorjeta no bolso, guias e carregadores celebram a missão cumprida com uma alta cantoria. Serão mais oito horas, suaves sob sombreada trilha floresta adentro, até a entrada principal do parque nacional que protege o vulcão. A 2 mil metros, já instalado na pousada, latinhas vazias de Kilimanjaro, a principal cerveja da Tanzânia, o grupo se reúne à mesa de jantar. “Não estava preparada para algo tão forte. Gostei de ter feito, mas não pretendo encarar algo desse nível novamente”, confessa Graziela. “Ela me surpreendeu”, comemora o marido, Pedro. A partir dali, a expedição se divide. Parte segue para um safári nas savanas do parque nacional Serengeti. Outros vão para a reserva privada Grumeti, onde o confortável hotel de selva Singita Sassakwa valoriza o descanso. Com uma taça de pinotage sul-africano na mão, me lembro das palavras de estímulo pronunciadas por nosso guia pouco antes da subida final ao cume. E saboreio a experiência vivida planejando a próxima. //

A caminho do Kilimanjaro

Baixe a revista no iPad e assista trechos da expedição

South African Airways: www.flysaa.com;
Manoel Morgado: www.morgadoexpedicoes.com.br